

COMO A ESCOLA LIDA COM O DIFERENTE: ANÁLISE DE PERFIL DE DUAS COMUNIDADES ESCOLARES DIANTE DA DIVERSIDADE SEXUAL.

Larissa Aparecida Costa Silva (1); Natália Lopes da Silva (1); Janisia de Medeiros Viana (2);
Vanessa Yngrid da Silva (3); Luiz Otávio Silva Santos (1).

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - campus Macau, larissasilvas2@gmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - campus Macau, naaatalialopees@gmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - campus Macau, janisia.jany@hotmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - campus Macau, vanessa_yngrid16@hotmail.com
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - campus Macau, luiz.otavio@ifrn.edu.br

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento dos seres vivos, a espécie humana vem apresentando características diferentes das demais espécies em termos de sexualidade. Diferente das outras, nós exibimos sutis diferenças anatômicas e funcionais. Estando ou não em seu período fértil as fêmeas podem corresponder as manifestações sexuais do seu parceiro, pois é um ato controlado por fatores psicológicos e sociais (VITIELLO, 1998).

A sexualidade é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, tendo grande importância no processo evolutivo, entendendo-a logicamente a partir de um enfoque mais abrangente, haja vista que a sexualidade se manifesta em todas as fases da vida do ser, e diferente de um conceito vulgar tem na genitalidade como um dos seus pontos, mas não o principal.

De acordo com os padrões sociais, todo indivíduo ao nascer é macho ou fêmea, a sociedade que os molda como homem ou mulher. Com estes conceitos a sociedade recrimina tudo que não se encaixe dentro destes moldes. Mas, como poderemos situar o indivíduo que mesmo nascendo macho possui uma orientação feminina, ou então, ao nascer fêmea adota um comportamento masculino? Teremos assim um grupo denominado homoafetivos, que saem dos moldes orientados pela cultura que vivemos, e adentram outra perspectiva que causa espanto e preconceito.

Ainda hoje alguns indivíduos taxam a homossexualidade como uma doença mental, porém, em 1985 o Conselho Federal de Medicina retirou esse comportamento da lista dos desvios sexuais devido aos estudos de Kinsey em 1975. Ele foi um entomologista e zoólogo norte americano, que fundou o Instituto de pesquisa sobre o sexo para pesquisas sobre sexo, gênero e reprodução. Kinsey afirma: “O problema é que a sociedade está condicionada por normas tradicionais para fazer crer

que a atividade heterossexual dentro do casamento é a única correta e sã entre as expressões sexuais”, bem como que para ele a heterossexualidade é uma mera escolha diante de muitas outras.

A intolerância ao indivíduo que demonstra comportamento homoafetivo é denominada como homofobia, ou seja, aversão doentia contra a homoafetividade. A necessidade em conseguir assimilar melhor a respeito da sexualidade, estar em compreender um grupo de pessoas que vem se posicionando de forma positiva dentro da sociedade: os chamados homoafetivos, que estão conseguindo impor seu espaço, lutando por direitos, e mostrando que também são cidadãos.

A escola é um ambiente social no qual o indivíduo passa maior parte de sua vida e é um dos principais elementos para a socialização, por isso contribui para facilitar o desenvolvimento de uma orientação sexual, desempenhar um papel diferente na prevenção, saúde e bem-estar dos indivíduos. O ambiente escolar deve ser visto como um local a discutir diferentes tabus, preconceitos e crenças. A escola é bastante voltada para os heterossexuais, e esquecem assim este grupo que sempre existiu, e que por muitos anos ficaram escondidos, com medo de “falsos” valores morais que os condenavam como doentes mentais ou criminosos, de modo que desse a entender que a orientação sexual fosse algo que o sujeito pudesse alterar.

Assim ao observarmos através da mídia vários ataques homofóbicos em diferentes partes do mundo e especificamente uma prática preconceituosa contra um aluno homossexual em uma escola de ensino médio, nos motivamos a analisar como a escola deve intervir nesses casos e como lida com a diversidade sexual. Tivemos como objetivos específicos: Identificar as principais necessidades informativas dos professores em relação ao tema; Compreender como a comunidade escolar lida com a diversidade sexual.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada no município de Macau – RN, em duas escolas de ensino médio, na Escola Estadual Professora Clara Tetéo e no IFRN – *Campus* Macau, com professores ministrantes das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Biologia, Sociologia e Artes.

Tivemos como procedimentos metodológicos uma pesquisa do tipo bibliográfica em que segundo Severino (2000), objetiva descrever e classificar livros e documentos similares, segundo critérios como autor, conteúdo temático, data etc. Essa pesquisa será caracterizada como uma pesquisa do tipo qualitativa, pois os dados coletados nessa pesquisa são descritivos (PRODANOV & FREITAS, 2013), que se preocupa muito mais com o processo de que com o produto.

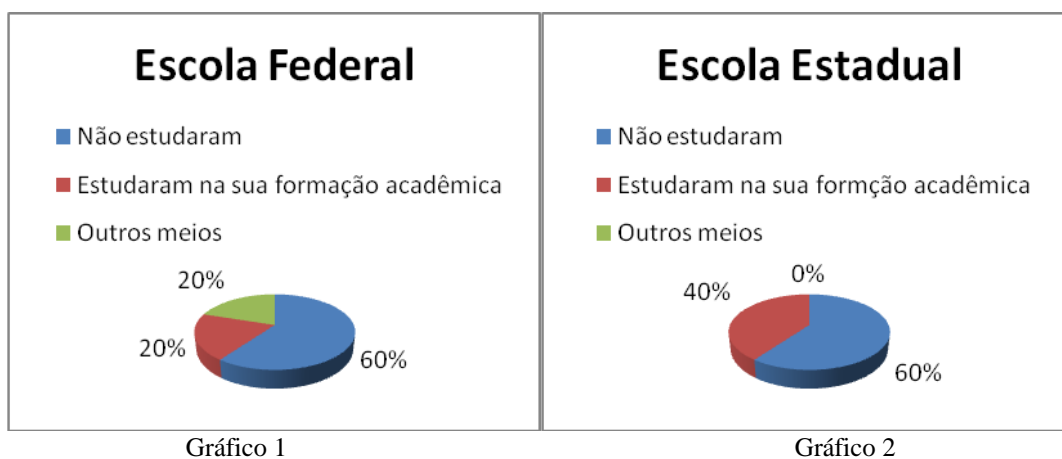
Para obtenção dos dados foram aplicados questionários envolvendo os professores das duas escolas com o intuito de analisar como a comunidade escolar lida com a diversidade sexual no âmbito escolar, bem como a homofobia, e como são tratados alunos homoafetivos.

RESULTADOS E DISSCUSÃO

A presente pesquisa foi realizada com 10 professores, sendo 5 da rede federal e 5 da rede estadual de ensino. Podemos colocar em evidência que o questionário foi aplicado com professores de ambos os sexos, com idades entre 21 a 48 anos, onde a maioria é do sexo masculino.

Para a discussão dos dados faremos uma análise comparativa que é centrada em estudar semelhanças e diferenças, esse modo realiza comparações com objetivo de explicar divergências.

Questão 1: Em sua formação acadêmica você já estudou sobre educação sexual? Se sua resposta for sim, como foi? Quando ocorreu esta formação?

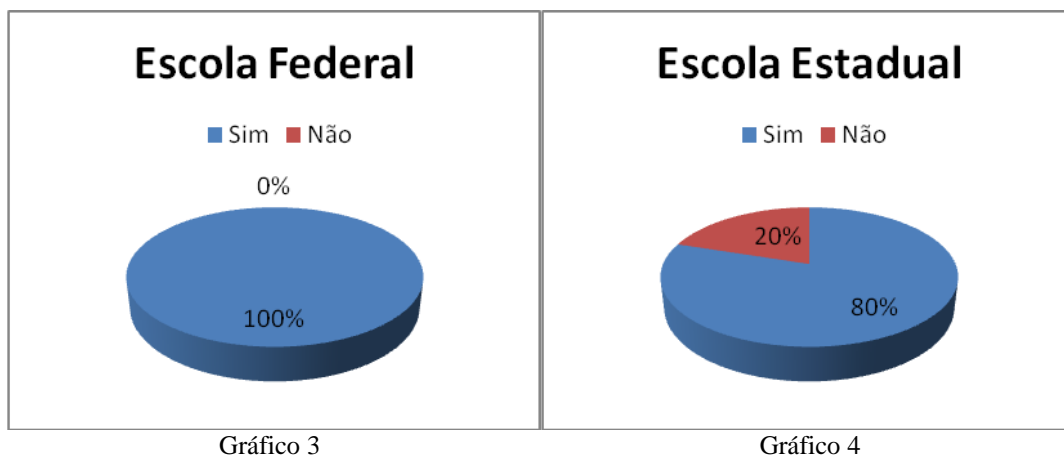


De acordo com o gráfico 1, percebe-se que 20% dos professores afirmam ter estudado sobre o assunto em sua formação acadêmica, entretanto, o aprofundamento somente ocorreu na pós-graduação, já 60% dos professores, não tiveram qualquer estudo sobre Educação Sexual no período de sua formação acadêmica e os outros 20% afirmaram ter estudado através de outros meios (ONGS). Já no gráfico 2, pode-se perceber que 40% dos professores, afirmam ter estudado sobre o assunto em seu meio acadêmico, no entanto, o assunto só foi visto na pós-graduação, já 60% afirmaram nunca ter estudado sobre o assunto.

Em consequência disso verificamos que se torna uma difícil tarefa para os professores que não tiveram contato como assunto, tratar de sexualidade adequadamente, conseguindo esclarecer

dúvidas e até mesmo contribuir com o fim do preconceito em sala de aula, pela falta de uma adequada formação docente em seus cursos de licenciatura, enfatizando os temas de gênero e diversidade sexual, que segundo Felipe (2008) os professores que não tratam de sexualidade no espaço educativo alegam não terem tido uma adequada formação sobre Educação Sexual, sendo assim estes profissionais da educação não estão preparados para tratarem desta temática dentro de suas salas de aula e acabam por não tocar no assunto, porque não dispõem de informações básicas sobre o mesmo. Em contrapartida, também podemos verificar a existência de professores que em sua formação acadêmica possuíram um certo conhecimento sobre a temática, diferentemente dos demais que buscaram através de outros meios, aperfeiçoamento sobre o tema.

Questão 2: Você acha importante abordar questões sobre o preconceito relacionado a homossexualidade em sala de aula, ou seja, a homofobia, porque?



Através do gráfico 3, podemos perceber que 100% dos professores acham importante abordar temas relacionados ao preconceito e homofobia em sala de aula. Já no gráfico 4, percebe-se que 80% dos professores, responderam que é importante abordar esses temas em sala de aula e somente 20% dos professores, afirmam não considerar o assunto relevante em sala.

Percebemos que os dados das escolas não diferem de forma significativa, levando em consideração que apenas 20% dos professores da rede estadual, não considera importante abordar este assunto em sala de aula, alegando o fato de respeitar a diversidade de opiniões no contexto escolar.

Questão 3: Você acredita que a mídia seria uma forma de influenciar os jovens a serem homoafetivos, justifique sua resposta?

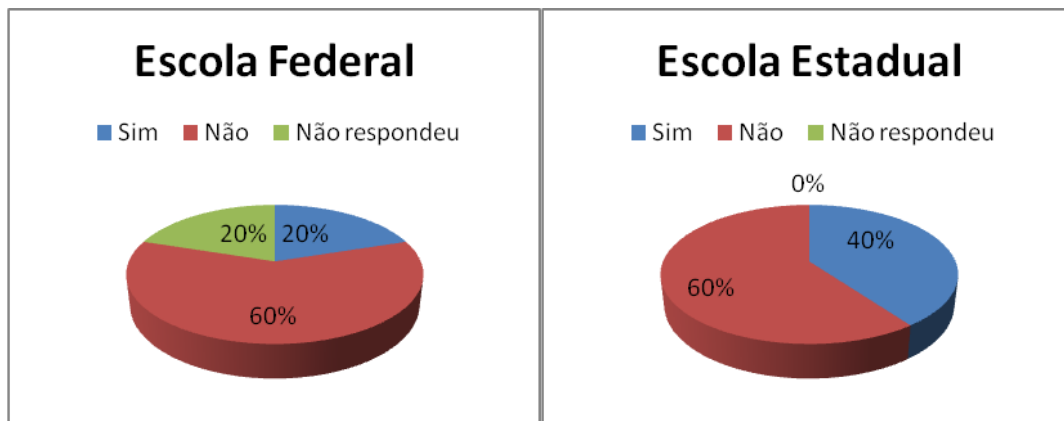


Gráfico 5

Gráfico 6

Em concordância com o gráfico 5, podemos perceber que 60% dos professores, acreditam que não há influência da mídia sobre os jovens, quanto a sua opção sexual, já 20% alegam que a mídia exerce influência de forma significativa na vida social dos mesmos, e os outros 20% optaram por não responder à questão. Conforme mostra o gráfico 6 notou-se que 60% dos professores, afirmaram que os jovens não são facilmente influenciados pela mídia, e os outros 40% confirmam o oposto.

Constatamos que a maioria dos professores em ambas as escolas concordam que a formação da identidade sexual do indivíduo não se deve a influência da mídia, até porque a homoafetividade acontece na sociedade desde antes do advento da mesma. Alegam também que a construção da homoafetividade está relacionada a diversos outros fatores genéticos, biológicos, hormonais, sociais e culturais. Por outro lado, alguns professores afirmam que a mídia tem um grande poder na formação sexual do indivíduo, pois os jovens passam grande parte do seu dia assistindo TV.

Questão 4: Você é a favor do kit anti-homofobia?

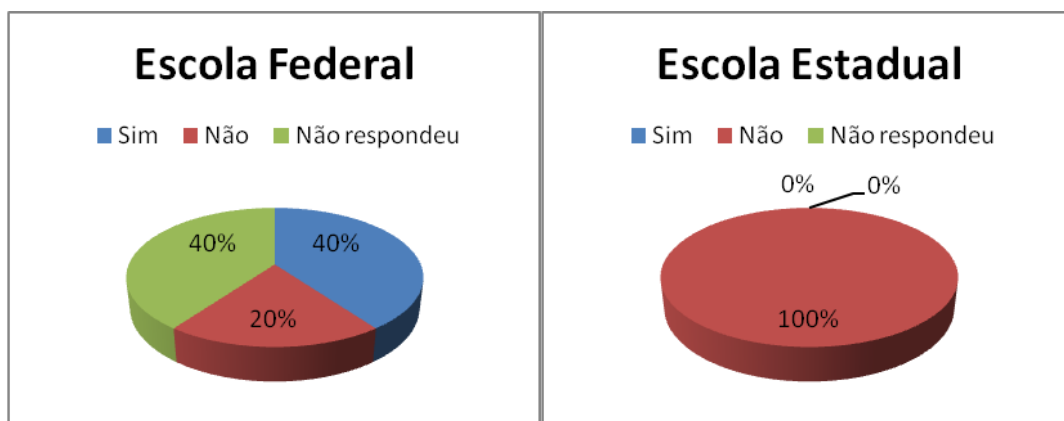


Gráfico 7

Gráfico 8

Conforme ao gráfico 7, 40% dos professores, concordam com o uso do kit anti-homofobia, logo 20% não concordam com o uso do kit, e 40% não responderam a questão. Já o gráfico 8, 100% dos professores são contra a aplicação do mesmo em sua instituição de ensino.

Fundamentado nos gráficos acima pode-se perceber que há uma rejeição em ambas as instituições em relação ao acolhimento da proposta, mesmo este sendo considerado um instrumento para a integração do aluno homoafetivo em seu meio escolar. Muitos educadores não são a favor do kit por que eles passariam a acumular mais uma função, além de lecionar as disciplinas do currículo escolar, seriam também orientadores sobre a vida pessoal/afetiva dos estudantes, e por possuírem uma opinião formada percebem que não é tão simples debater sobre sexualidade com os jovens e que essa função caberia a uma pessoa especializada no assunto.

CONCLUSÃO

Verifica-se com a finalização desta pesquisa que o espaço educativo, de ambas as escolas, não se encontra preparados para tratar da sexualidade, da homoafetividade e tão pouco da homofobia. Constata-se que esse despreparo dos educadores deve ao fato de que os mesmos não contam com estudos que aprofundem a temática da sexualidade nas graduações, além disso há vários empecilhos que dificultam a implantação da temática da sexualidade dentro do espaço educativo.

É preciso discutir, debater e desenvolver, seja dentro da escola ou dentro da família, a idéia de que vivemos e devemos respeitar as diferenças de cada um e de cada família, tendo que respeitar acima de tudo a opinião do outro. Dessa maneira, a educação é a mais importante ferramenta de inclusão social, bem como o alicerce para o futuro do Brasil, um futuro de preferência sem preconceitos e rodeado de pessoas capazes de respeitar o outro.

A escola deve ser um ambiente para a tolerância, respeito às diferenças, bem como aprender a conviver com todas as pessoas, sejam filhos concebidos de uma família heteroafetiva, socioafetiva ou homoafetiva. Assim, a solução a ser utilizada é a inclusão de todos no meio escolar, mas é um desafio a ser enfrentado e resolvido, pois caso não haja esse enfrentamento corre o risco de uma exclusão, em que sejam realizados programas inadequados ou práticas inapropriadas para a inserção de todos na escola.

4.REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: MEC, SEMTEC, 2000.

FELIPE, Jane. Proposta Pedagógica. In. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. Salto para o futuro. Educação para igualdade de gênero, 2008, p.03-14.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. Ed. – Novo Hamburgo: Feevale 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 21 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

VITIELLO Néilson UM BREVE HISTORICO DO ESTUDO DA SEXUALIDADE HUMANA. Revista Brasileira de Medicina-Edição Especial: Nov. 98 V55-Ciber Saúde. Disponível em: http://www.drCarlos.med.br/sex_historia.html>acess